

Biblioteca Anarquista



Questões Táticas

Errico Malatesta

Errico Malatesta
Questões Táticas

es.theanarchistlibrary.org

Titulo Original: *Cuestiones de Tática*. Tradução e Revisão por André
Tunes @Nucleo de Estudos Autonomo Anarco Comunista.

Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou
em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu
conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org

A atual situação política e social na Europa e no mundo, incerta, agitada, instável, abre o peito para todas as esperanças e todos os medos, fazendo mais do que nunca a necessidade urgente de preparar-se para enfrentar os eventos, que são mais ou menos próximos, mas que inevitavelmente ocorrerão. Para esta situação de mal-estar, prenha de anseios transformadores, com sede de liberdade, devemos ver a discussão reviver novamente, por outro lado, sempre atual, da maneira mais conveniente de adaptar nossas aspirações ideais à realidade contingente dos diferentes países e passar da propaganda teórica à realização prática.

E naturalmente, em um movimento como o nosso, que não admite ou reconhece a autoridade de qualquer texto ou de qualquer homem, que é essencialmente refratário a qualquer imposição, onde quer que seja, baseando-se em exame e crítica livres, todas as opiniões enunciadas e táticas adotadas devem necessariamente ser diferenciadas.

Assim, vemos como há alguém que consagra toda a sua atividade à propaganda e perfeição do ideal, dedicando-se febrilmente a esse trabalho sem prestar atenção para observar se é entendido e seguido por aqueles ao seu redor e, contando com o estado atual da mentalidade popular e dos recursos materiais existentes, analisar se o dito ideal é aplicável ou não. Eles limitam, mais ou menos explicitamente e em graus variados de indivíduo para indivíduo, o trabalho dos anarquistas, hoje a demolição de instituições opressivas e repressivas, amanhã a ativa vigilância contra o estabelecimento de novos governos e privilégios, ignorando tudo o mais, o que é apesar de todo o grave, inelutável e urgente problema da reorganização social em bases libertárias. Com ingenuidade suficiente, pensam que, no que diz respeito aos problemas de reconstrução, resolver-seão, espontaneamente, sem preparação prévia, e sem um plano estabelecido antecipadamente, ou em virtude de uma suposta lei natural, graças à qual, tão logo a violência estatal e o privilégio capitalista fossem eliminados, todos os homens automaticamente se tornariam bons e inteligentes, e a abundância, paz e harmonia reinariam imediatamente sobre a terra.

Há outros, ao contrário, animados em particular pelo desejo de ser, ou parecer prático, preocupado com as dificuldades que a situação revolucionária criará e que devem ser previstas, conscientes da necessidade essencial de conquistar a adesão do povo, ou, pelo menos, para superar as prevenções hostis que, em relação às nossas ideias, a maioria da população sente, por ignorar a “realidade” de suas verdadeiras concepções, gostariam de formular um programa, um plano completo de reorgani-

militante – que forçando demais as coisas e fingindo que nossos planos são bem-sucedidos, corremos o risco de cortar as asas da revolução e de assumir, mais ou menos inconscientemente, a função governamental, que condenamos tanto naqueles que estão diante de nós.

Sem dúvida, como governo, nós necessariamente agiríamos como todo mundo. Nós cairíamos nos mesmos defeitos. E atrevo-me a dizer que talvez fossemos mais perigosos para a liberdade do que os nossos antecessores, porque estamos fortemente convencidos da razão que nos assiste e do bem que fazemos, nós nos serviríamos como verdadeiros fanáticos dos meios mais extremos, julgando como contrarrevolucionários e inimigos do bem geral todos aqueles que não pensarem e agirem de forma idêntica a nós.

Se, apesar de nossos esforços, o que os outros fizeram não estava de acordo com o que pensamos e acreditamos, seria de pouca importância se a liberdade de cada um e de todos fosse respeitada.

O que mais importa, e isso é fundamental, é que todos trabalhem como entenderem ser conveniente, já que a história e a experiência da vida cotidiana nos ensinam que as únicas realizações sólidas e duradouras são aquelas alcançadas pelo povo graças à sua esforços próprios; não há outras reformas definitivas além daquelas reivindicadas e impostas pela consciência popular.

zação social, que responde a todas as dificuldades e satisfaz ao mesmo tempo aqueles que, de acordo com uma expressão emprestada do inglês, o “homem da rua” foi chamado, isto é, para qualquer homem, para o indiferente, para quem, sem ideias específicas ou um critério firme e apropriado, ele julga cada caso que a vida social lhe oferece, influenciado pelas paixões e inspirações do momento.

Eu, por exemplo, acredito que, uma como a outra, elas estão bem e que, sem essa tendência infeliz ao exagero e exclusividade, as duas opiniões poderiam ser complementadas e completar-se mutuamente, para que nosso comportamento seja mais adaptado às demandas e necessidades da situação, alcançando assim o máximo de eficácia prática, continuando a ser consistente e rigorosamente fiel ao programa de liberdade e justiça abrangente que nós anarquistas proclamamos.

Não dar a devida atenção aos problemas de reconstrução ou pretender estabelecer planos completos e uniformes antecipadamente significa dois erros, dois excessos que, de diferentes maneiras, levariam à nossa derrota como anarquistas e ao triunfo de antigos ou novos regimes autoritários. A verdade está no meio termo.

É absurdo acreditar que, quando os governos e os capitalistas expropriados foram derrubados, “as coisas funcionarão por si mesmas”, sem intervir a ação de homens que possuem uma ideia preconcebida e clara do que deve ser feito instantaneamente e colocar as mãos para trabalhar para realizar seus propósitos prontamente. Isso talvez pudesse acontecer – queríamos que fosse assim – se tivéssemos tempo para esperar que os homens, todos, encontrassem os meios, pela força de experiências repetidas, para satisfazer da melhor maneira possível as próprias necessidades e gostos dos outros. Mas a vida social, como a dos indivíduos, não admite interrupções, exige continuidade. No dia imediato da revolução, no mesmo dia da insurreição, se possível, devemos fornecer alimentos e cobrir imediatamente, se possível, todas as necessidades urgentes sentidas pela população. Para conseguir isso com sucesso, devemos garantir a continuação da produção necessária (pão, etc.), a operação dos principais serviços públicos (água, transporte, eletricidade, etc.) e a troca ininterrupta entre a cidade e o campo.

Mais tarde, os grandes obstáculos desaparecerão; O trabalho organizado diretamente por aqueles que realmente trabalham, se tornará agradável e atraente, a abundância de produção tornará inúteis todos os cálculos miseráveis sobre os produtos consumidos, e cada um pode realmente “pe-

gar” o que eles precisam sem limitações; as aglomerações monstruosas das cidades se dissolverão, a população será distribuída racionalmente sobre toda a terra habitável, e cada localidade, cada agrupamento, conservará e aumentará para o benefício de todo o conforto proporcionado pelas grandes empresas industriais e sem deixar de continuar unido toda a humanidade, pelo sentimento de simpatia e solidariedade humana, pode em geral ser suficiente e não sofrer as complicações opressivas e dolorosas da vida econômica atual. Mas essas coisas belas e mil outras que poderíamos manifestar e imaginar pertencem ao futuro, enquanto o que é urgente é pensar em como viver hoje, fornecer soluções para a situação que a história nos deixou e que a revolução, isto é, um ato de força, não será capaz de mudar radicalmente em um momento pelo efeito de um toque de uma varinha mágica. E uma vez que, bem ou mal, a humanidade tem que viver, se nós não soubéssemos ou não pudéssemos fazer o que nessas circunstâncias precisa ser feito, surgirão outros que o fariam com fins e resultados completamente opostos àqueles perseguidos por nós.

Devemos levar em conta esse importante fator que representa o “homem da rua”, que, por outro lado, é aquele que compõe em todos os países a imensa maioria da população e sem cujo apoio não pode haver emancipação possível; mas não devemos contar muito com sua inteligência e iniciativa.

O homem comum, o “homem da rua”, mantém em si qualidades muito boas com imensas possibilidades, dando-nos a certeza de que um dia a humanidade ideal será formada tanto para nós; mas, devemos apontar e combater um grave defeito que explica em grande parte a origem e a persistência das tiranias; esse ser não gosta de refletir, não medita e em suas lutas para romper as correntes que o oprimem, em seus esforços para a conquista da emancipação total, segue com preferência aquele que lhe poupa o trabalho de pensar, aquele que dá tudo “mastigado” e assume, em vez disso, a responsabilidade a responsabilidade que só ele teria que assumir quando se trata de defender seus próprios direitos, organizar, dirigir e ... comandar. Enquanto ele não ficar muito chateado com seus hábitos e seu modo de vida, ele dá boas-vindas a outros para pensar por ele e lhe dizer o que fazer, embora sutilmente o reduza ao dever de trabalhar e obedecer.

Essa fraqueza, essa tendência poltrona adotada pela imensa generalidade do povo, de esperar e seguir as ordens dadas por quem ocupa a

sua cabeça, é a causa do fracasso de muitas revoluções e continua a ser o perigo iminente das próximas convulsões sociais.

Se a multidão não reage a tempo e age prontamente no sentido que o desenvolvimento adequado da revolução aconselha, será necessário que homens de boa vontade, capazes de iniciativa e decisão, tentem, nesse caso, fornecer o material indispensável para compensar, na medida do possível, essa falta. E é nesse aspecto, isto é, no modo de dar solução às necessidades imediatas, que temos que nos distinguir claramente de todos os partidos autoritários.

Os defensores da autoridade entendem que para resolver a questão, um governo deve ser estabelecido e um programa deve ser imposto pela força. Não quero negar que, ao se expressar assim, pode haver boa fé neles, ou que eles sinceramente acreditem que, agindo dessa forma, farão o bem de todos, mas eu direi, e disso temos a convicção íntima, a certeza de todos os anarquistas que, na realidade, ao obstruir a ação popular livre, só será possível criar uma classe privilegiada, interessada em sustentar o novo governo, e substituir, no final, uma tirania por outra.

Os anarquistas devem, sem dúvida, se esforçar para tornar a passagem do estado de escravidão para a liberdade o mais fácil possível, proporcionando às pessoas o maior número de ideias práticas e imediatamente aplicáveis, mas, ao mesmo tempo, eles devem guardar muito de encorajar que a inércia intelectual e acima e a propensão a ser alguns que trabalham e pensam, limitando os outros a obedecer.

A revolução, para ser verdadeiramente emancipatória, terá que se dobrar livremente de mil maneiras diferentes, correspondendo a tantas condições morais e materiais diferentes dos homens de hoje, pela livre iniciativa de todos e de cada um. Nossa principal missão deve ser sugerir, trazer à mente de todos, a necessidade de colocar em prática quantas formas de vida se harmonizam melhor com nossos ideais, tentando sempre interpretar o sentimento geral e introduzir reformas que possam ser assimiladas e que, voluntariamente, outras pessoas aceitem, mas, acima de tudo, devemos nos esforçar para despertar nas massas o espírito de iniciativa e o hábito de que os próprios indivíduos sejam os únicos a resolver seus problemas.

Teremos que ter um cuidado especial para evitar até mesmo as aparências de comando, de domínio, que podem despertar suscetibilidades e, por palavras e exemplos, agir como um companheiro entre os camaradas, sempre levando em conta – e essa é uma das melhores virtudes do